



Viga Gordilho

o vestido  
*fuxiqueiro*

UM CONTO PARA TODAS AS IDADES

o vestido  
*fuxiqueiro*

UM CONTO PARA TODAS AS IDADES







UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

REITORA

Dora Leal Rosa

VICE-REITOR

Luiz Rogério Bastos Leal



ESCOLA DE BELAS ARTES

DIRETORA

Nanci Santos Novais

COORDENADORA DO PPGAV

Rosa Gabriella de Castro Gonçalves

CHEFE DE DEPARTAMENTO I -

HISTÓRIA DA ARTE E PINTURA

João Dannemann

CHEFE DE DEPARTAMENTO II -

EXPRESSÃO TRIDIMENSIONAL

Paulo Roberto F. Oliveira



EDUFBA

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

DIRETORA

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Álves da Costa

Charbel Niño El Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Rua Barão de Jeremoabo s/n, Campus de Ondina –

40.170-115

Salvador – Bahia – Brasil

Telefax: 0055 (71) 3283-6160/6164

[www.edufba.ufba.br](http://www.edufba.ufba.br) | [edufba@ufba.br](mailto:edufba@ufba.br)

APOIO



PPGAV



Viga Gordilho

o vestido  
*fluxiqueiro*

UM CONTO PARA TODAS AS IDADES

Salvador – Edufba – 2013

2013, Viga Gordilho.

Feito o depósito legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

COORDENAÇÃO EDITORIAL - EDUFBA

PREPARAÇÃO DE TEXTOS - Susane Barros

PROJETO GRÁFICO - Viga Gordilho e Lúcia Valeska Sokolowicz

ARTE FINAL DA CAPA E EDITORAÇÃO - Lúcia Valeska Sokolowicz

FOTO DA CAPA - Gabriel Guerra

TRADUÇÃO PARA O ESPANHOL - Maria Herminia O. Hernández

TRADUÇÃO PARA O INGLÊS - Taylor Van Horne

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA - Arthur Scovino,  
Gabriel Guerra, Gal Meireles, Marisa Vianna, Nicole Avillez,  
Tinna Pimentel, Patrícia Príncipe e Viga Gordilho

CRÉDITOS DAS IMAGENS DE PÁGINA INTEIRA

Patrícia Príncipe - P.15, Pitangas

Marisa Vianna - P. 25, O vestido fuxiqueiro e o mar de Itaparica.

Gal Meireles - P. 28, As cores dos mangues de Baiacu;  
P. 30, Chegando em Matarandiba.

Gabriel Guerra - P. 29, O vestido tingido com as cores do manguê;  
P. 33, O vestido fuxiqueiro coberto de conchinhas; P. 39, O vestido  
rendado com bilro.

Nicole Avillez - P. 34, A chegada em Coqueiros.

Arthur Scovino - P. 41, Detalhe da renda de bilro;

SISTEMA DE BIBLIOTECAS - UFBA

---

Viga Gordilho, 1953-

O vestido fuxiqueiro : um conto para todas as idades / Viga Gordilho ; [fuxicando arte],

Maribel Domènech. - Salvador : EDUFBA, 2013.

60 p.: il. col.

ISBN 978-85-232-1116-5

1. Contos brasileiros. 2. Fuxico (Artesanato). 3. Contos folclóricos - Brasil. 4. Arte e literatura.  
I. Domènech, Maribel. II. Título.

CDD - 869.93

---

Editora filiada à:



Para Ia, minha gratidão, sempre!  
Por esses quarenta anos de ajuda no lar  
que me deram tranquilidade para exercer com afinco  
as minhas atividades profissionais.

*Viga Gordilho*  
*Outono, 2013*



Meu afeto às parceiras da residência artística no Instituto Sacatar:  
Célia de Villiers, Sophie Lecomte e Gema Hoyas Frontera; artistas que  
vivem respectivamente em territórios banhados pelas águas dos rios  
Orange, Sena e Túria, e a todas as “fuxiqueiras” do outro lado do mar.





## SUMÁRIO

*Fuxicando Arte por Maribel Domènech* · 11

*Fuxicando* · 13

*O vestido fuxiqueiro* · 15

*Reflexões da autora sobre o processo criativo* · 43

*Referências* · 57

*Sobre a autora* · 59



## *Fuxicando Arte*

Yo no pude estar en Itaparica. Me fue imposible acudir a ese importante encuentro de creación femenina, reunido por Viga Gordilho en el Instituto Sacatar. No pude compartir tan hermosa y enriquecedora experiencia, aunque mi espíritu y pensamiento estuvo flotando todo el tiempo allí.

Presentar este libro, me llena de orgullo. Me hace sentir, por qué no expresarlo así, cómplice de su relato. Los libros de artista, como es éste, que cuentan y muestran los entresijos de una experiencia creativa vivida, son los que nos permiten asomarnos a las ventanas de un cosmos, de unos sentimientos, pasiones y pensamientos mas subjetivos y nos desvela su rigurosa pesquisa personal.

Este bello libro nos narra como un cuento, el desarrollo creativo del proyecto “*tecido do corpo social*”, como un proceso colectivo de creación femenina, de reunión y diálogo entre mujeres, artistas de diferentes continentes y artesanas del lugar, todas trabajando desde posiciones que iban de lo personal a lo colectivo y de lo colectivo a lo personal.

Como artista e investigadora multidisciplinar, Viga nos ha llevado de la mano en todas sus páginas, nos ha mostrado la magia del arte y de la creación, del mar azul, del encuentro, de los procesos textiles, del “fuxico”, de la memoria, de la vida cotidiana, de los frescos espacios donde se crea y se comparte la tarea, del inagotable discurso femenino y su fuerza creadora. Ella ha entretejido en este libro, pagina a pagina un telar inagotable de artística creación, comunicación, compromiso social y un innegable amor por su tierra y venerado mar.

Porque ese es, a mi modo de ver, uno de los mayores méritos de Viga, el hacernos ver en las páginas de su libro, que todo en este mundo, hasta el mas pequeño e insignificante tema, sueño o deseo, tiene en realidad importancia para ser contado y creado. El hacernos ver que quizás, después de todo, las cosas más cotidianas e insignificantes, son las noticias mas trascendentes y son aquellas que merecen ser objeto de creación.

Maribel Domènech

Professora Titular da Universidade Politécnica de Valencia - ESP

Agosto 2013.

## *Fuxicando...*



*Figura 1* - A autora fuxicando com Dete e Lú, nos jardins do Instituto Sacatar Ilha de Itaparica. Outono 2004

Foto: Tinna Pimentel.

### Você sabe o que é fuxico?

Uma palavra de origem africana (banto), que significa remendo, alinhavo com agulha e linha que pode virar um artefato de tecido em formato circular, que costuramos pela beirinha para ficar semelhante uma pequena flor. Com esses fuxicos, podemos criar tantas coisas – blusa, saia, paninho, bolsa, colcha, almofada, vestido, chininho... como mostra a imagem que se segue, onde uma artesã na Ilha de Itaparica está confeccionando uma bolsinha de fuxico.







## *O vestido fuxiqueiro*

**N**asci nos jardins do Instituto Sacatar, na Rua da Alegria, em Quinta Pitanga, Ilha de Itaparica, no coração da BTS, portanto, já nasci contente e falante. Sabe por quê?

Na quinta tem tanta pitangueira que só se escuta criança correndo para colher pitanga.

No Sacatar, às sextas feiras, em tardes douradas de outono, quatro artistas plásticas de países diferentes juntavam-se em uma mesa sobre a grama para compartilhar arte, cada uma falava da sua poética... Elas se chamavam: Viga Gordilho (Brasil), Célia de Villiers (África do Sul), Sophie Lecomte (França), Gema Hoyas Frontera (Espanha). Estavam fazendo um programa de residência artística no Instituto Sacatar.

Junto com elas participavam daqueles mágicos momentos dez artesãs que vivem na Ilha: Ana, Lucimar (Lú), Jaciara, Gildete (Dete), Hilda, Rosangela, Rita, Maria Auxiliadora, Lúcia e Cleide. Às vezes apareciam por lá muitas crianças, pescadores e outras artistas baianas, só para **fuxicar** e fuxicar, como ilustram as imagens que se seguem.



*Figura 3 - Artistas, pescadores e artesãs fuxicando...*

Foto: Tinna Pimentel.



*Figura 4 - Mais fuxicos...*

Foto: Tinna Pimentel.

Foi assim que juntando retalhinhos de tecido branco, da cor da areia da Ilha, e histórias de vidas, me fizeram surgir...



*Figura 5 - Costurando o vestido fuxiqueiro...*

Foto: Tinna Pimentel.

Repare como fui crescendo...





*Figura 6 - O vestido que cresce...*

Foto: Viga Gordilho.

E foi **fuxicando** e fuxicando, com mão, cabeça e coração, que aqueles pedacinhos de retalhos também começaram a ganhar, outras formas e muitas cores...

Dona Dete, por exemplo, falando da casa de dois andares que sonhava um dia construir, fez com que os fuxicos se tornassem flores, um sol brilhante e a uma árvore cheia de pitangas maduras.



*Figura 7 - A casa sonhada por Dona Dete*

Foto: Viga Gordilho.

Ana, que adora passear de barco na BTS, fez o seu fuxico se transformar em um lindo sol com raios de matizes amarelos para guiar o seu passeio no mar...



*Figura 8 - O barco de Ana*

Foto: Viga Gordilho.



Rebeca, uma estudante da Escola de Belas Artes, retalhou as cores do mar, criando também o seu sol com fuxico. Às vezes, com uma nuvem branca contornada de azul da cor do céu, até podia nublar o dia...





*Figuras 9, 10 e 11 - Os retalinhos de Rebeca*  
Foto: Viga Gordilho.

Lucimar, com a voz rouca, enquanto fuxicava sobre as proezas do candidato a prefeito de Itaparica e suas inúmeras promessas, fez com que seus fuxicos virassem botões de rosas coloridos.



*Figura 12 - O jardim de Lucimar*

Foto: Tinna Pimentel.

Foi assim, com linhas de tantas **cores**, que enquanto bordavam seus sonhos e segredos...



*Figura 13 - As linhas de bordar*  
Foto: Viga Gordilho.

eu crescia...



*Figura 14 - O crescimento do vestido*  
Foto: Viga Gordilho.

Sabe o que aconteceu?

Os bordados e fuxicos coloridos se tornaram pequenos travesseiros para sonhar, recheados com folhas da pitangueira, para guardar o cheirinho da Ilha.



*Figuras 15 e 16 - Frente e verso do travesseirinho de Jaciara mostrando o local da Ilha onde ela pode sonhar...*


Foto: Gabriel Guerra.



*Figura 17 - A flor fuxiqueira e os micos no sonho colorido de Sophie*

Foto: Gabriel Guerra.



A mannequin stands on a sandy beach, wearing a long, white, crocheted dress. The dress features a repeating pattern of small, white, flower-like motifs. The background shows the ocean with gentle waves washing onto the shore. The mannequin is positioned in the center-right of the frame, facing away from the viewer.

E quanto a mim...

Tornei-me o vestido fuxiqueiro.

Veja como fiquei lindo! Cheio de flores brancas fechadinhas para ninguém descobrir os fuxicos que guardava.



Foi então que resolvi viajar.

Desenhei o mapa da BTS, marquei os cinco lugares que queria conhecer, e fui navegar...



Figura 18 - Mapa da BTS desenhado pela autora

Iniciei a minha viagem no município de **Itaparica**, onde nasci. Atravessei mangues, lamaçais e apicuns...

Cheguei primeiro, a uma vila de pescadores conhecida como **Baiacu**, distrito localizado na contracosta da mencionada Ilha, que pertence ao município de Vera Cruz.




Figura 19 - A vila de Baiacu

Foto: Gal Meireles.

Lá escutei que a vila recebeu esse nome por conta da abundância do peixe baiacu que nada naquelas águas. Ouvi assim muitas *candongas* sobre o baiacu...


Contaram-me na vila que ele pode ter várias aparências e nomes: peixe-balão, baiacu-cofre, baiacu-de-chifre, baiacu-caixão, baiacu-sapo, peixe que cresce, e até que ele contém veneno. Você acredita?





Passeando nos mangues, os pescadores, me disseram que podíamos comê-lo, mas preveniram que é preciso saber retirar o veneno para saborear sua carne alva e leve, que é a melhor comida local.





Aí fiquei contaminado com as cores dos mangues refletindo infinitos matizes verdes, azuis e marrons quando do encontro com a água do mar.







Quanto mais fuxicos escutava, mais fuxicos coloridos eu recebia ...

Encantado com as histórias do baiacu, vestido com as cores dos mangues, fui conhecer outro distrito da contracosta de Vera Cruz chamado **Matarandiba**, onde me falaram que o lugar tinha este nome porque, há muito tempo atrás, lá mataram uma índia que se chamava **Diba**, ou seja, **MATARAM- DIBA**.

Tinha tanta conchinha na praia...



*Figura 20 a 23* - As conchinhas recolhidas na Ilha

Acervo: Lucimar Bello. Foto: Viga Gordilho.

Que até o dinheiro comunitário de Matarandiba se chama CONCHA.

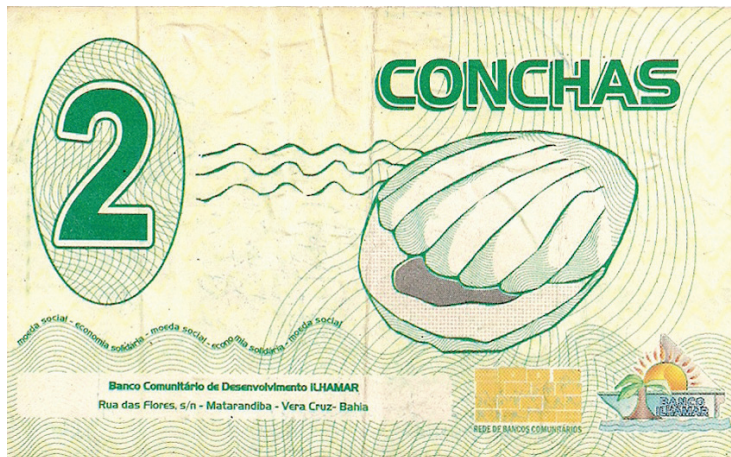



Figura 24 e 25 - Moeda local de Matarandiba





Veja como fiquei lindo coberto de conchinhas!



A photograph of a riverbank. In the foreground, numerous reddish-brown terracotta bowls are laid out on the ground, drying. In the middle ground, a small boat with a blue hull and white upper section is moored at the bank. The boat has the text "DEIXE MINHA VIDA" and the number "Nº 2818892431" written on its side. A tall blue pole is attached to the boat. The background shows a wide river flowing between green, hilly banks under a cloudy sky.

Depois de receber tantas conchinhas, resolvi descer o Paraguaçu e fui parar em uma curva do rio, em um lugar chamado **Coqueiros**.

Lá encontrei cerâmica pintada com *tauá* espalhada por todos os lados que olhava.

Contaram-me logo que cheguei, que Coqueiros, é um distrito de Maragogipe.

Lá me tingi de cor de barro.



*Figura 26 - O vestido pintado com as cores do tauá*

Foto: Gabriel Guerra.



Veja, pintando as cores do lugar, aprendi com as louceiras a empilhar as peças entre pedaçinhos de *taboca* e a chamar o vento com reza para a cerâmica receber a queima em uma fogueira **ENORME**.



Figura 27 - A queima da cerâmica em Coqueiros

Foto: Nicole Avillez.

Foi então, que, guardando o cheirinho das pitangas do Sacatar em Itaparica, tingido com as cores dos mangues de Baiacu, coberto de conchinhas de Matarantiba e pintado com o *tauá* de Coqueiros, voltei pelo estuário do Rio Paraguaçu para as águas da BTS, e naveguei até chegar a Ilha de Maré.



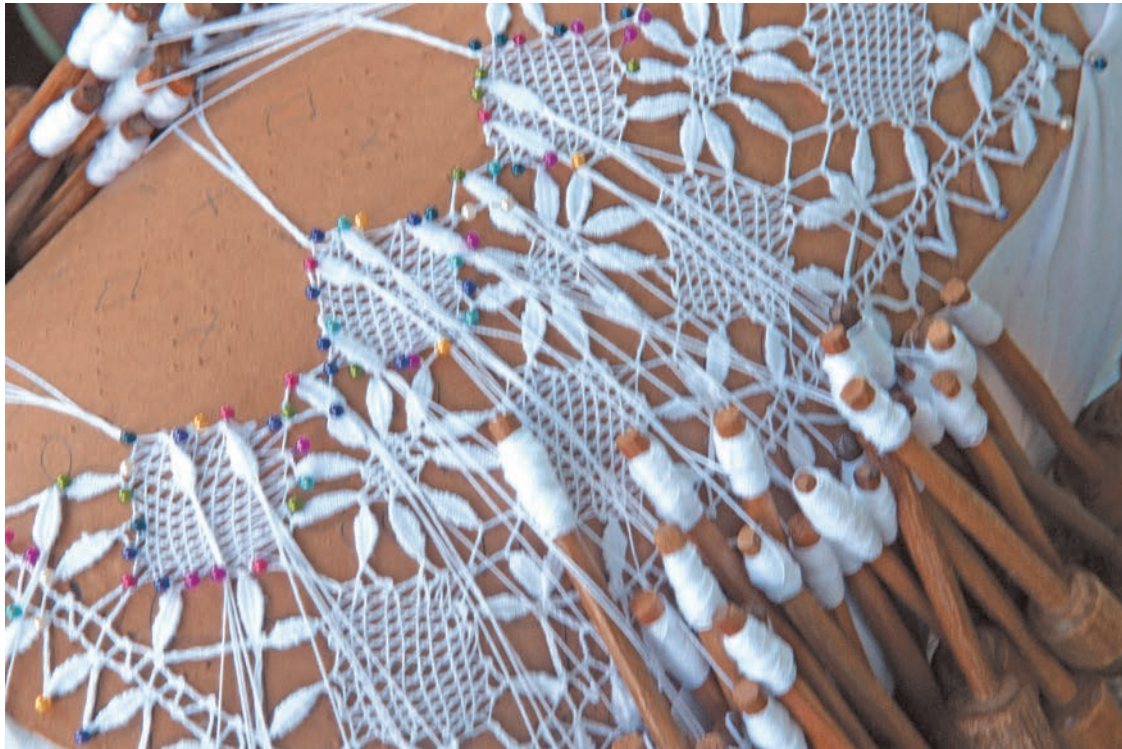
*Figura 28 - Vista de Neves em Ilha de Maré*

Foto: Arthur Scovino.

Ancorei em lugar chamado Neves. De lá até se pode ver a cidade de Salvador ao longe.

Foi aí que comecei a sentir uma saudade danada da artista que me criou.

Mas mesmo com o coração “apertado” de saudade ainda conheci as rendeiras de Maré, e no tilintar dos bilros elas teceram em mim com a renda de bilro outros tantos **fuxicos** e fuxicos.



*Figura 29* - Uma almofada de bilros

Foto: Arthur Scovino.



Percebi, então, quantos fuxicos e fuxicos carregava:

os segredos guardados nos jardins do Sacatar com tantos matizes brancos da areia de Itaparica,

as histórias do baiacu coloridas com as cores dos mangues de Baiacu,

as conchinhas de Matarandiba que guardam outros tantos segredos,

o barro de Coqueiros, que com o *tauá* tingem a cerâmica de lá,

e as rendas de bilro de Maré.

Foi aí que a saudade “apertou” de verdade. Ficou tão Grande que regressei para o atelier da artista.



Agora não saio mais da janela. Todo dia, ao entardecer, fico olhando as águas da Baía de Todos os Santos, planejando conhecer mais lugares onde existam outras pessoas que queiram fuxicar e fuxicar...



*Figura 30 - O vestido fuxiqueiro olhando para BTS pela janela no atelier da artista*

Foto: Gabriel Guerra.







## *Reflexões da autora sobre o processo criativo*



*Figura 31* - A BTS vista da minha janela onde se pode visualizar, parcialmente, a Ilha de Itaparica

Foto: Viga Gordilho.

Vivo em frente à Baía de Todos os Santos, com nome de acidente geográfico feminino, aberto de entrada, onde seu contínuo fluxo e refluxo me atraem como artista pesquisadora.

Pois bem, a BTS, *Kyrimurê*, origem tupi, antigo nome desta Baía, guarda no silêncio das suas margens a memória de inúmeros entrecruzamentos culturais. Abrange um território aproximado de 1.233 km<sup>2</sup>



de águas que beiram a capital e abriga cerca de 56 ilhas. Entre elas está a Ilha de Itaparica, nome também de origem tupi que significa “cerca de pedra”. É maior ilha marítima do Brasil.

Quem vive às margens das águas dessa baía tem a possibilidade de rememorar histórias, mitos e lendas das primeiras nações indígenas *Tupi, Jê e Kariri (Kiriri), dos tupinabá* da costa, de personagens como Maria Filipa,<sup>1</sup> e de outros tantos africanos trazidos a partir do século XVI.

Os estuários propiciaram que estes distintos grupos étnicos se espalhassem pelo interior da Bahia, especialmente pelo Recôncavo,<sup>2</sup> através de rotas nas “açucaradas” e “salgadas” hidrovias, onde lutaram contra a escravidão, o aldeamento português e dissiparam inutilmente os anseios dos jesuítas pela apaziguação. Estamos falando de inúmeros grupos étnicos, conseqüentemente, de muitas identidades culturais distintas, como nos situa Raul Lody (2001, p. 21) quando se refere ao continente africano: “essa África que chegou ao Brasil é predominantemente ocidental, numericamente banto, sofisticadamente sudanesa e fortemente islâmica.”

Este livro foi escrito para falar um pouco sobre a diversidade cultural existente nos lugares que margeiam as águas da BTS.

---

<sup>1</sup> Figura feminina de destaque nas batalhas pela independência ocorridas em Itaparica. Maria Felipa de Oliveira é descrita como uma negra alta e audaz que, sendo uma forte liderança em sua comunidade, tornou-se fundamental na organização da resistência insular.

<sup>2</sup> O Recôncavo Baiano é a região geográfica localizada em torno da Baía de Todos os Santos abrangendo não só o litoral, mas também toda a região do interior circundante à Baía.

Esta narrativa, teve a sua gênese em 2004, no período em que realizei uma residência artística no Instituto Sacatar<sup>3</sup> com as artistas Célia De Villiers (África do Sul), Sophie Lecomte (França), Gema Hoyas Frontera (Espanha) e Ana Maria da Silva, uma artesã que vive na Ilha de Itaparica.

Enquanto trabalhávamos em nossas obras para o projeto coletivo *Tecido do corpo social*,<sup>4</sup> às sextas-feiras, oferecíamos oficinas de bordados para a comunidade local, quando tivemos a oportunidade de escutar muitas histórias de vida.

Foi nesse contexto, que, sob o questionamento “Qual o lugar da Ilha que você pode sonhar?” pessoas da comunidade que vivem próximas a Quinta Pitanga, desenharam os seus sonhos com giz sobre tecido preto e os teceram com linhas coloridas, aplicando fuxicos e revelando, através de bordados, lugares pitorescos da Ilha. Formatarem assim, pequenos travesseiros recheados com folhas de pitanga, conforme ilustram as Figuras 32 a 35.

---

<sup>3</sup> O Instituto Sacatar, abriga um programa de residência artística, com sede localizada na Rua da Alegria, n. 10, Quinta Pitanga, Ilha de Itaparica.<[www.sacatar.org](http://www.sacatar.org)>

<sup>4</sup> Projeto apresentado na Fundação Instituto Feminino da Bahia, Museu do Traje e do Têxtil, no período de 2 a 18 de setembro de 2004, como resultado da residência artística no Instituto Sacatar vivenciada pelas artistas referenciadas no texto, tendo também obras de quatro artistas da Escola de Belas Artes que foram convidadas para integrarem a mostra: Ana Maria Fraga, Áurea Madeira, Mili Genestretti, Tinna Pimentel, tendo ainda no projeto uma obra da artista espanhola Maribél Domènech, que por motivo de saúde, na época, não pode vir integrar a mencionada residência.



*Figuras 32 a 35 - Etapas do bordado e aplicação dos fuxicos*  
Fotos: Tinna Pimentel.

Durante o período de residência no Instituto Sacatar, realizamos muitas obras utilizando o material encontrado no entorno da Ilha, como nos situa a artista pesquisadora, Fayga Ostrower (1987, p. 32), quando diz: “[...] o pensar só poderá tornar-se imaginativo através da concretização de uma matéria, sem o que não passaria de um divagar descompromissado, sem rumo e sem finalidade”.

Nessa perspectiva, procuramos utilizar cada matéria, contextualizada ao conceito empregado, entrelaçada à nossa memória individual e às histórias do lugar.

Apresento assim as artistas residentes e destaco alguns dos trabalhos criados por elas, para melhor compreensão do projeto.

Célia adentrou os mangues, colheu cipós, fibras e algas e teceu tantas coisas... Entre elas, um vestido de noiva feito com trapos, reportando-se à memória conjugal das mulheres africanas que se desgasta com o tempo (Figura 36).



*Figura 36 - O vestido de noiva de Célia, em contraponto com outros trajes de noivas expostos em uma vitrine do Museu*

Foto: Marisa Vianna.



Sophie colheu espinhos da roseira e cobriu sua própria bota, referindo-se ao mito grego de Diana caçadora.



*Figura 37 - A bota de Diana exposta em uma das vitrines do Museu*  
Foto-acervo: Viga Gordilho.

Dentre as obras que Gema realizou, destaco aqui a que ela fotografou a pele das mãos das artesãs e transferiu as imagens para tecidos. Estes foram esticados em bastidores de costura. Cada uma delas bordou também o próprio nome em outros bastidores de pequenos formatos, revelando assim as suas identidades.



*Figura 38 - As identidades das artesãs*

Foto: Marisa Vianna.

Quanto a mim, recolhi fibras de algodão, desidratei corais e utilizei retalhos de tecido branco cedidos para as nossas oficinas, entre outras cores, pela design baiana Goya Lopes.

Foi com esses materiais, acrescentando agulhas, luz e som, que criei as obras *Dor e Voo*, *Vestida de algas* e *O vestido fuxiqueiro*, mote deste conto (Figuras 39, 40 e 41).



*Figura 39 - Dor e Voo*, instalado em uma das vitrines do Museu próximo a dois trajés do acervo

Foto: Marisa Vianna.



*Figura 40 - Vestida de algas instalado à direita da vitrine, em contraste com o traje negro do início do século XX, que integra o acervo existente no Museu*

Foto: Marisa Vianna.





*Figura 41 - O vestido fuxiqueiro instalado na entrada do Museu do Traje e Têxtil*

Foto: Marisa Vianna.

Durante a referida exposição realizada no Museu do Traje e do Têxtil, podia-se escutar os fuxicos da Ilha em quatro idiomas – português, francês, espanhol e africanês –, pois um gravador foi colocado no interior da obra e fones foram inseridos no interior das pequenas flores brancas (fuxicos). Nesta mostra o vestido continuou crescendo, pois o visitante ao sentar-se no banquinho, como ilustra a Figura 41, tinha à disposição retalhos, agulhas e linhas. Era só fuxicar...

Foi assim que “o vestido fuxiqueiro” foi concebido, e, até hoje continua crescendo...

Em 2008, portanto, quatro anos depois, motivada pelo projeto *BTS em retalhos*<sup>5</sup> rememorei as minhas vivências naquela residência artística no Sacatar e transformei a obra em personagem para poder falar das peculiaridades vivenciadas durante as ações poéticas realizadas no referido projeto, em cinco lugares da Baía de Todos os Santos: Baiacu, Itaparica, Matarandiba, Coqueiros e Ilha de Maré.

Acredito assim, como já falei anteriormente, que o poder gerativo dessas ações poéticas poderá estar exatamente nas operações de combinação e entrecruzamento entre MATÉRIA, MEMÓRIA e CONCEITO. As matrizes se cruzando geram interações e propiciam as escolhas dos procedimentos metodológicos no processo da pesquisa em Arte.

É significativo salientar ainda que as combinações dessas matrizes não estão limitadas a um determinado processo artístico. A natureza dos dados das matrizes é que oferecem possibilidade de

---

<sup>5</sup> Projeto realizado pelo Eixo de Artes, inserido no projeto multidisciplinar “BTS” – Baía de Todos os Santos. Integram o referido projeto, artistas-pesquisadores do grupo de pesquisa MAMETO CNPq – MATéria, MEMória e conceiTO em poéticas contemporâneas, o qual coordeno. O grupo realizou pesquisas e atividades de extensão em ações poéticas de 2008 a 2012, tendo como recurso a linguagem artística, a partir dos materiais recolhidos no cotidiano, em interface com o conjunto de caracteres próprios e exclusivos do entorno das comunidades referenciadas nesta narrativa. [mametobts.blogspot.com](http://mametobts.blogspot.com)

falamos em singularidades processuais, que, seguramente alimentam o foco para o objeto para a pesquisa em Arte.

A pesquisadora paulista Cecília Salles, autora de vários livros sobre processos criativos, chama de “redes”, as relações que contribuem para o desenvolvimento do pensamento visual no possível encontro de “nexos”.

Por outro lado, a autora situa a dúvida como geradora de possibilidades de respostas e, em muitos casos, a pergunta desestabiliza campos e gera possíveis deslocamentos. Dúvidas, erros e acidentes de toda espécie provocam, portanto, uma espécie de pausa no fluxo da continuidade, um olhar retroativo e avaliações que geram também uma rede de possibilidades de critérios e consequentes seleções.

Assim sendo, em cada ancoragem, tive a oportunidade de entrecruzar distintas matrizes culturais, pontuando também neste conto, um recorte de alguns vocábulos de origem afro-indígena, ainda usados em cada local referenciado, como *candongas*,<sup>6</sup> *Tauá*<sup>7</sup> e *taboca*.<sup>8</sup>

É importante ainda ressaltar, que, nesse percurso criativo, adotei três critérios, que considero essenciais para trabalhar com ações poéticas em comunidades, quais sejam, Confiança, Cumplicidade e Conhecimento (CCC). O primeiro relativo às aproximações cuidadosas entre pesquisador e pessoas da comunidade. O segundo referente às trocas verdadeiras. E o terceiro correspondente a lugares que já havia trabalhado anteriormente e ao domínio nas distintas técnicas que foram empregadas.

---

<sup>6</sup> (Banto) fuxico, histórias e mexericos.

<sup>7</sup> Palavra indígena que significa “barro vermelho”.

<sup>8</sup> Espécie de bambu de fácil combustão.

Espero assim, que esta narrativa sobre a construção de um vestido fuxiqueiro que visita cinco lugarejos da Baía de Todos os Santos traga a você, leitor, incentivo e curiosidade para conhecer mais peculiaridades dessa gente que vive do outro lado do mar, e possa também ser um estímulo a outros artistas pesquisadores para a criação de projetos de ensino, pesquisa e extensão que tenham como foco outras comunidades da BTS, pois há muito para ainda ser contado dessas margens silenciosas. Este conto é apenas um pequeno fuxico.



## Referências

GORDILHO, V. *Cantos, contos e contas*. Salvador: P555, 2004.

\_\_\_\_\_. *Onde as casas se vestem de céu?* Salvador: EDUFBA, 2008.

\_\_\_\_\_. Tecido do corpo social: um projeto de residência artística internacional . In: ENCONTRO ANUAL ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 15., 2007. Salvador. *Anais...* Salvador: ANPAP, 2007. p. 106-116.

GORDILHO, V. et al. Pintando com o tauá na comunidade de Coqueiros: possíveis aproximações entre Arte e Química no “Projeto BTS”. *Rev. Virtual Quim*, v. 4, n. 5, p. 534- 550, 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/rvq>>.

GORDILHO, V. et al. *Ocultações e espelhamentos: processos criativos em oficinas realizadas pelo Núcleo de Arte no Projeto BTS*. Salvador: EDUFBA, 2011.

GORDILHO, V. et al. *BTS em Retalhos: Ações poéticas em cinco portos da Bahia de Todos os Santos – Baiacu, Itaparica, Matarandiba, Coqueiros e Ilha de Maré*. Salvador: EDUFBA, 2011.

LODY, Raul. *Jóias de axé*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

SALLES, C. A. *Redes da criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

SANTOS, M. A redescoberta da natureza. In: SILVA, M. A. *Natureza*: Milton Santos. Salvador: CRA, 2007.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.



## *Sobre a autora*

Maria Virginia Gordilho Martins  
1953 - Salvador, Bahia, Brasil



Foto: Arthur Scovino.

Nome artístico: Viga Gordilho. Graduada em Desenho e Plástica pela Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestre em Artes também pela EBA/UFBA e doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Professora Associada I - Departamento I - História da Arte e Pintura, e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) do qual foi coordenadora. Foi consultora Ad-hoc e membro da Câmara de Assessoramento e Avaliação

Técnico-Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Foi membro do Conselho Diretor do Instituto de Residência Artística Sacatar, por sete anos. Parecerista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica. Consultora Ad hoc da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas da qual foi presidente, organizando o 18º e o 19º encontros nacionais, respectivamente na UFBA e na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Membro da Academia de Ciência da Bahia. Recebeu bolsa da Capes, duas bolsas de estudos Programa de Cooperação Interuniversitária como professora visitante no Departamento de Escultura e Novas Tecnologias na Faculdade de Belas Artes de São Carlos da Universidad Politécnica de Valencia na Espanha. Trabalhos selecionados para participar do Projeto Fraenkulturforum nas cidades Esen e Hagen, na Alemanha, e para o projeto itinerante VisibleVisions em Johannesburg na África do Sul e em Nairobi no Kenya. Recebeu o prêmio Copene de Cultura e Arte em 1996 e o de Artista Residente Sacatar em 2004. Participou de exposições e conferências no Brasil, Argentina, África do Sul, Espanha e Alemanha. É autora de obras, artigos e capítulos publicados em anais da ANPAP, revistas, livros nacionais e internacionais. Autora dos livros *Cantos contos contos - uma trama às águas como lugar de passagem*; *Onde se esconde o cinza luminoso?*; *Onde as casas se vestem de céu?*; *Ruínas Fratelli Vita* e organizadora dos anais do 18º e 19º encontros da ANPAP, do *Entre territórios - mesas redondas* e do *BTS em retalhos*. Líder do grupo de pesquisa, MAMETO CNPq – MAMetória, MEMória e conceiTO em poéticas visuais contemporâneas, no qual desenvolve investigações sobre o Processo Criativo. Principais coletivos criados: Afetos roubados no tempo, Guard(A)res, Ruínas Fratelli Vita, Banco à Memória, Vitrine, Outros papéis, Entre folhas, BTS em retalhos e Tramas, tramas e tramas. Tem como objeto de pesquisa os símbolos oriundos do entrelaçamento cultural afro-indígena brasileiro, tendo como campo de referência metafórica as águas dos oceanos e rios como guardiãs de uma poética do silêncio, usando a narrativa e a pintura expandida como linguagens.









	COLOFÃO
Formato	20 x 22 cm
Tipografia	DTL Documenta
Papel	Couche fosco 150 g/m <sup>2</sup> (miolo) Cartão Supremo 300 g/m <sup>2</sup> (capa)
Impressão e Acabamento	Cartograf
Tiragem	500 exemplares



ISBN - 978-85-232-1116-2



9 788523 211165

fapesb



Fundação de Amparo  
à Pesquisa do Estado da Bahia



TERRA DE TODOS NÓS

SECRETARIA DE CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO